

VISTA REVISTA REVISTA REVISTA R
 JUESA PORTUGUESA PORTUGUESA P
 DE DE DE DE DE DE DE DE DE
 XADREZ XADREZ

QUEM GANHARÁ O TÍTULO
 DE 1977?



NA GRAVURA, OS M. Is. DURÃO E SILVA, QUE VÃO TER 6 PARTIDAS PARA RESPONDER ENTRE AMBOS, J. PEREIRA DOS SANTOS, O GRANDE VENCIDO DESTE CAMPEONATO, FAZ CONTAS PARA 78

SUMÁRIO

82 SPASSK E KORCHNOI

82, 83 O XXXIII CAMPEONATO NACIONAL ABSOLUTO

84 A «IMORTAL» DE LARSEN — OLIMPÍADA
 PARA ESTUDANTES

85 A CILADA NA ABERTURA

86 CURSO DE ANIMADORES

86, 87 DOIS BISPOS CONTRA BISPO E CAVALO

88, 89, 90, 91 ROMANISHIN E TAL VENCEM EM LENIEGRADO

92, 93 NACIONAL ABSOLUTO

94 TEMAS DE ATAQUE AO ROQUE

95 PROBLEMAS — ALBINOS E PICKANINNYS

Leitores da R.P.X.:

Este é o último número em que esta revista vos aparece com o presente aspecto gráfico.

Quando nos lançámos na aventura de a publicar, a meta que nos propusemos atingir foi a publicação de, pelo menos, seis números. (Os derrotistas avisavam-nos de que não passaríamos do segundo).

A primeira meta foi alcançada. Mas, desembaraçados das dificuldades iniciais, a nossa «falta de juízo» leva-nos a querer mais. O próximo número, o n.º 7, sairá já com uma nova apresentação: mais páginas e uma capa a cores.

A decisão não foi tomada de ânimo leve. Ponderou-se a opinião da corrente que defendia a sobriedade. Mas a revista não pode ser só para os xadrezistas, que em Portugal são muito poucos. Tem de ser para todos, motivar os que ainda não jogam a comprá-la e a interessar-se pelo xadrez.

Por isso a capa a cores, sem pretensões de luxo ou exibicionismo. A informação nacional também precisava de ser ampliada, sem o que a revista não cumpriria a missão que se propôs, ser o elo de ligação entre os xadrezistas portugueses. Isso implica mais espaço.

Mas o melhoramento, — assim o consideramos —, aumenta a despesa e exige maiores receitas. Aumentar o preço não queremos. Seria atraiçoar o nosso objectivo de tornar a sua aquisição possível a todos. Também não pretendemos lucros. Todas as receitas são para investir na própria

revista, melhorando-a e aumentando o seu campo de acção.

Pelo contrário, a missão que nos cabe só estará a ser cumprida se a revista der prejuízo. A Federação Portuguesa de Xadrez, sua proprietária, entende ser sua obrigação financiar esse prejuízo e contribuir assim para divulgação do xadrez. Mas esse financiamento tem de ser compatível com o seu orçamento e não prejudicar outras iniciativas também válidas e necessárias.

O exposto justifica a repetição do apelo que, desde o início, temos vindo a fazer: ASSINE E DIVULGUE a Revista Portuguesa de Xadrez.

Para os assinantes:

Lembramos que, com o presente número, terminam as assinaturas semestrais iniciadas no n.º 1. Lembramos também que suspendemos o serviço de cobranças devido ao seu exagerado custo e impossibilidade de secretaria.

Sugerimos: o envio de cheque ou vale postal, este com a vantagem de poder incluir correspondência gratuita que, embora limitada ao espaço que no vale é destinado a esse fim, permite perfeitamente ao assinante dizer-nos a partir de que número deseja a assinatura e evitar a despesa e trabalho do envio de carta ou postal.

Como se vê, leitor, nada mais simples:

Um vale postal de 80\$00 ou de 150\$00, conforme o período que desejar, dirigido a

REVISTA PORTUGUESA DE XADREZ
R. Sociedade Farmacêutica, 56-2.º
LISBOA - 1

com o seu nome e morada bem legíveis e, no verso, a indicação do número inicial da assinatura.

É a maneira mais eficaz de os xadrezistas desejarem longa vida à nossa revista.

O XXXIII Campeonato Nacional Absoluto de Xadrez teve o seu início no dia 12 de Agosto de 1977 pelas 19.30 h., nas instalações do Centro Social e Cultural dos Trabalhadores do Comércio no Rossio, 113, Lisboa.

A ORGANIZAÇÃO DO CAMPEONATO

Inscreveram-se no Campeonato segundo o Regulamento de Provas vigente, 17 jogadores: o campeão da época anterior, o campeão de juniores, os campeões das Associações Distritais e ainda seis jogadores com classificação activa igual ou superior a 2 100 pontos.

O número elevado de participantes impediu que se efectuasse o campeonato em poule (todos contra todos). Como solução provisória foi decidido pelo Conselho Técnico da FPX jogar-se o torneio num sistema de eliminatórias em séries de 6 e 5 jogadores. Os dois primeiros de cada série seriam apurados para a final A onde se decidiriam os seis primeiros lugares do Campeonato, o 3.º e 4.º para a final B (7.º ao 12.º), e o 5.º e 6.º para a final C (13.º ao 17.º). Em caso de empate utilizar-se-ia o sistema de desempate exposto no Regulamento de Provas da FPX. Sistema, que em último caso, depois de aplicados os métodos usuais de desempate (sistema Sonnenborn, resultados entre os implicados, etc.) favorece os jogadores que conduziram mais vezes as peças pretas e ainda os jogadores piores classificados

SPASSKI e KORCHNOI



Em Évian e em Genebra terminaram já as meias-finais dos *matches* de candidatos ao título de campeão do mundo.

Korchnoi, evidenciando uma *pedalada* que seria difícil de imaginar à partida, voltou a triunfar no 12.º jogo, afastando Polugaevski da luta pelo título. Resultado final — 8½ : 3½.

Quanto ao *match* Spasski-Portisch, a 11.ª e 12.ª partidas forneceram empates, nas duas seguintes venceu o soviético, e registou-se novamente um empate na última. Um *forcing* final do ex-campeão do mundo, com que se distanciou decisivamente do húngaro Portischl 8½:6½.

Em breve serão anunciados data e sítio da final. Spasski-Korchnoi, um *match* que certamente terá muito que contar. Entretanto, a pergunta mantém-se: qual deles defrontará Anatoli Karpov?



Com a devida vénia a S. Zinser, tão bom no xadrez como na caricatura, aqui têm os leitores o que pode ser uma antevisão da final de candidatos. Conseguirá a leveza e «finesse» de Spasski ultrapassar a «barreira» que o separa de Karpov, ou conseguirá a «truculência» de Korchnoi um novo «match» com o campeão do mundo?

Campeonato Nacional Absoluto

por ANTÓNIO CARRETAS

pelo sistema Elo. Aconteceram, assim, casos de apuramento baseados no facto de se conduzir as negras contra o principal adversário.

Todo este sistema de eliminatórias e de desempates algo excêntricos levantou protestos entre os participantes no Campeonato. Peňa foi, que os protestos só surgissem em força a meio do Campeonato, quando já nada se podia fazer.

Com tal sistema a melhor técnica de jogo seria, sem dúvida, uma técnica cautelosa e defensiva, com profusão de empates rápidos que não deteriorassem a classificação e permitissem uma reserva física para o resto dos jogos. Tal actuação seria antipática, em relação ao público, mas seria a mais realista num sistema que possibilita que uma derrota destrua todas as possibilidades de um jogador (caso mais flagrante o de António Pereira dos Santos que vencido na 1.ª sessão perdeu quase todas as suas possibilidades de apuramento para a final A).

PARTICIPANTES

Sem dúvida um dos mais fortes torneios disputados em Portugal. Nele estavam presentes um grupo de jogadores muito fortes, com excepção de alguns participantes provenientes de zonas onde o xadrez ainda não atingiu um nível aceitável, que contribuíram para que o nível técnico do torneio fosse apreciável. Lamentável que as eliminatórias e finais de cinco jogos não permitissem prélios mais aguerridos, pelas razões já referidas.

Poder-se-ão notar algumas ausências como as do Eng.º Helder Sardinha, Alvaro Pereira e João Cordovil impedidos de participar por motivos vários.

AS SESSÕES

Na série A existiam três potenciais candidatos à final A — Fernando Silva, mestre internacional e vencedor do último Campeonato, Carvalho e Rego e A. P. Santos. Como era de prever estes três jogadores levaram de vencida todos os outros participantes nesta série — Pedro Palhares e Mamede Diogo — pelo que o apuramento se decidiu nos três jogos disputados entre si.

À partida, Carvalho e Rego era o que se encontrava em pior situação, já que, jogando de brancas com os outros dois candidatos era de acordo com o regulamento eliminado caso terminassem empatadas as três partidas. Os resultados da primeira sessão vieram no entanto modificar esta situação, já que A. P. Santos, frente a Carvalho e Rego, averbou uma inesperada derrota por tempo, quando ti-

na uma qualidade de vantagem. Em consequência deste resultado, a sessão seguinte, que opunha A. P. Santos e Fernando Silva, era esperada com redobrado interesse, pois o primeiro teria de ganhar para conseguir ser apurado. No entanto, apesar de todos os seus esforços não logrou mais que um empate. Com um em-

Nesta série ocorreu um facto sem paralelo no Campeonato Nacional. Luis Santos ao tomar conhecimento da data prevista para o início do torneio, verificou que, por motivo de férias, não poderia estar presente na primeira jornada. Informou a Federação, com suficiente antecedência, procurando uma solução para esta situação. O problema não foi resolvido iniciou-se o Campeonato. Nesse momento já nada se podia fazer, sendo-lhe portanto averbada uma falta de comparência. Gerou-se no entanto em torno deste caso um movimento de solidariedade por parte de todos os participantes no campeonato que teve como consequência que o jogo se disputasse.

Venceu esta série o representante de Coimbra, Mário Morais, que não hesitamos em classificar como a grande revelação do torneio. Sendo à partida o 14.º jogador segundo a classificação Elo, veio a situar-se em 6.º depois de vencer a série B cedendo empates apenas com S. Santos e Rui Pereira. O olímpico Luis Santos foi o jogador mais feliz desta série, pois conseguiu classificar-se depois de ter averbada uma derrota com Mário Morais, beneficiando do facto de no desempate ter conduzido as pretas na sua partida com Martinho Lopes.

Esta série ofereceu duas partidas que prenderam a atenção do público: Luis Santos com Martinho Lopes e Mário Morais com Silvio Santos. Mau grado terminarem empatadas, passaram por momentos emocionantes.

De salientar a inesperada classificação de Silvio Santos, talvez consequência do sistema de eliminatórias.

Na série C existiam 4 candidatos: mestre internacional Joaquim Durão, J. P. San-

(Cont. na pág. 92)

XADREZ COM GOLOS

Ouviu-se no rádio:

— Na penúltima sessão do Campeonato Nacional de Xadrez, Joaquim Durão venceu Luis Santos por 1:0.

Ao nosso lado, um ouvinte comenta:

— Resultado escasso. Este Luis Santos deve ser bom.

O locutor continua:

— Também tangencialmente José Pereira dos Santos derrotou Mário Morais. No jogo Carvalho e Rego-Fernando Silva registou-se um empate por meio a meio.

O mesmo ouvinte:

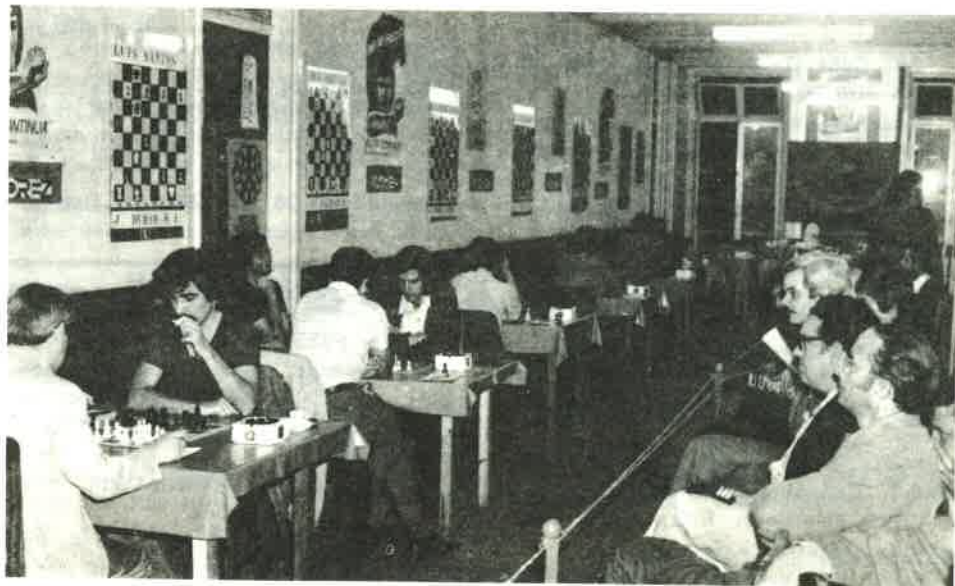
— Isto é decerto por causa dessas malditas tácticas defensivas modernas. Com estes números o esporte perde toda a espectacularidade.

E, perante a nossa tímida tentativa de explicação:

— Não tenha dúvida. Se queremos a massificação desportiva, temos de alterar todas as estruturas. O público quer é golos!

pate em 16 lances C. Rego e F. Silva garantiram o seu apuramento.

A série B foi a de maior equilíbrio já que apenas o representante do G. X. do Funchal, Ernesto Santos, era nitidamente inferior aos seus adversários.



O MEMORIAL VIDMAR

Disputou-se nas cidades jugoslavas de Ljubljana e Portoroz a quarta edição do Torneio Memorial Vidmar. A prova, que leva o nome de um dos mais fortes jogadores da sua época (a de Alekline, Capablanca e Niemzovitch, a seguir dos quais Vidmar se classificou, aliás, no Torneio de Nova Iorque 1927), contou com a par-

ticipação de doze grandes-mestres e dois mestres internacionais, figurando na categoria XII da FIDE.

Eis a classificação dos primeiros: 1.º, B. Larsen (Dinam.) — 9½ pontos (em 13 possíveis); 2.º, V. Savon (URSS) — 9; 3.º, V. Hort (Chec.) — 9; 4.º, V. Zeskovsky (URSS) — 7½; 5.º, Kurajica (Jug.) —

7; 6.º, Parma (Jug.) — 7; 7.º, Sosonko (Hol.) — 7.

Como se vê, o jogador dinamarquês parece não se ressentir em absoluto da pesada derrota que sofreu frente a Portisch, nas primeiras eliminatórias do Torneio de Candidatos. Savon foi um bom segundo classificado, depois de duas épocas sem grandes brilharetes, classificando-se à frente de Hort, também recente eliminado dos «Candidatos».

A «IMORTAL» DE LARSEN

Já vão longe os tempos em que Bent Larsen era, juntamente com «Bobby» Fischer, o único adversário de respeito para os nomes mais sonantes da escola soviética. Nos últimos anos, o grande-mestre dinamarquês já não consegue manter constante a «forma» que, durante mais de uma década, o tornou num dos maiores «papa torneios» de todos os tempos. A idade pesa, sobretudo num xadrezista que, como Larsen, não abdica do seu estilo essencialmente imaginativo e especulativo, em troca de um jogo mais calmo e mais «adulto», onde a experiência e o saber se podem impor com muito menos esforço.

Apesar de tudo, Larsen continua a ser um dos melhores

jogadores da actualidade e, de vez em quando, como que para esquecer algumas actuações inferiores, impõe-se concludentemente em provas de grande envergadura, como foi o caso deste Memorial Vidmar.

Grande artista do tabuleiro, com um estilo rebuscado e fascinante, tão inconfundível como as pinceladas de um van Gogh, Larsen continua a «brincar» com as peças, como quando tinha vinte anos! E, quando «engata», é ainda capaz de fazer uma partida como a que comento abaixo e que, apesar de em duas alturas as brancas terem podido empatar, talvez mereça o cognome de «A imortal de Larsen»!...

IELEN - LARSEN

Reti

1. Cf3 b6 2. g3 Bb7 3. Bg2 c5 4. c4 g6 5. 0-0 Bg7 6. d4 cxd4 7. Cxd4 Bxg2 8. Rxx2 Cc6 9. Cc2 Tc8 10. Ce3 Cf6 11. Cc3 0-0.

Ao cabo de uma abertura pouco ortodoxa (como é seu costume...), Larsen alcançou uma posição pelo menos equilibrada, e com boas possibilidades dinâmicas.

12. Tb1 e6!?

«Natural» seria 12... d6. Larsen tem já em vista o sacrifício de peão que efectua no lance seguinte.

13. b3 d5! 14. cxd5 Cb4 15. Ba3 a5 16. Dd2 Cg4! 17. Ccd1 Cxe3 18. Cxe3 Bc3 19. Dd1 Te8 20. Bxb4 axb4 21. Dd3!

A posição das brancas seria insustentável depois de 21. dxe6 Txe6 (ameaçando 22... Td6) 22. Dxd8+ Txd8 23. Tfd1 Ta8 ou 23. Tbc1 Td2 (23... Ta8 24. a4!)

21... Tc5! 22. dxe6 Da8+ 23. Rg1 Txe6 24. Tbd1 Dxa2 25. Dd8+ Rg7

Começa o ataque... do rei das negras. 26. Cd5! Dxb3 27. Ce7 Dc4! 28. Dg8+ Rf6 29. Dh8+ Rg5

Evidentemente, se 29... Rxe7?? 30. Dd8++. Compreende-se neste momento a importância de 27... Dc4!. Se agora 30. Dxd7, simplesmente Txe7, pois a casa h4 está defendida.

30. Df8 Txe2 31. Cg8! h5 32. Ch6 Bd2

Preparando um xeque para quando o peão f avançar, ao mesmo tempo que fecha a coluna à Td1. Perdida 32... Tc8 33. h4+ Rf6 34. Td6+ Te6 35. Dxf7+, etc.

33. Cxf7+?!

Uma continuação aparentemente ganhante... mas que vai levar à derrota, apesar de as brancas disporem posteriormente de um lance de empate. Correcto era 33. h4+ Rf6 34. Txd2 Txd2 35. Tel (ameaça 36. Dh8++), e não serve 35... Te2?? 36. Txe2 Dxe2 37. Dxf7+ Re5 38. De7+, etc. Única é 35... g5, e não resulta a tentativa imediata de dar perpétuo: 36. Dh8+ Rg6 37. Dg8+ Rxh6 38. Dh8+ Rg6 39. Dg8+ Rf5 40. Dh7+ Rg4 41. Te4+ 42. Dxe4+ Rh3, e ganhar.

Porém, as brancas dispõem de um empate de problema: 36. Cg4+!! hxg4, e a auto-obstrução em g4 já permite o xeque-continuo.

Com esta continuação, Ielen teria ganho meio ponto e o xadrez perdido uma «imortal»!

33... Rg4 34. Txd2.

Se 34. f3+ Rh3 35. Dc8+! Dg4! 36. Cg5+ Txx5 37. fxx4 Be3+ 38. Rh1 Txx2++.

34... Txd2 35. f3+ Rh3 36. Dc8+!! Um lance espantoso, que origina uma

bonita série de golpes e contragolpes. Claro que não servem 36... Txc8?? ou 36... Txf5?? por 37. Cg5++.

36... Dg4! 37. Cg5+!

Se 37. fxx4 Txc8

37... Txx5 38. fxx4 Tg2+

As brancas têm dama por torre... mas só uma defesa muito correcta lhes pode dar o empate! Se 38... hxg4 39. Tf2!

39. Rh1 Tc5

Se 39... Txx2+ 40. Rg1 Tg2+ 41. Rh1 hxg4 42. Tf8!, para responder a 42... Th5 com 43. Th8.

40. Dd8?

No último lance do controle, as brancas não encontram a última oportunidade de empatar: 40. Dd7! g5 41. gxh5+ g4 42. De7 Txx3! 43. De2 Rh4 44. De7+ Rh3 45. De2, etc.

40... Txx2+ 41. Rg1 g5! 42. Tb1 0:1

Este foi o lance secreto, tendo as brancas abandonado sem reatar a partida, em vista da continuação 42... Tcc2 43. Dd5 Tcg2+ 44. Dxx2 Txx2+, com um final infantil. Também não salvava 42. Dh8 por Th2+! (42... Tcc2? 43. Dxx5+ Rg3 44. Tf3+!! Rxx3 45. Df7+ Re3 46. Df3+ Rd4 47. Dd3+ Rc5 48. Dd5+ mate! Rd5 e o rei branco está afogado!) 43. Rg1 Tcc2 44. Dxx5+ Rxx3, etc.

(comentários de ALVARO PEREIRA)

OLIMPÍADA PARA ESTUDANTES

Tem estado a decorrer no México a Olimpíada Estudantil, encontrando-se as equipas participantes divididas por três séries:

GRUPO A — Brasil, Jamaica, RFA, U.R.S.S., Canadá e Dinamarca.

GRUPO B — Costa Rica, Cuba, EUA, Guatemala, México e Equador.

GRUPO C — Venezuela, Inglaterra, País

de Gales, Honduras, Colômbia e Polónia.

Não havendo ainda dados pormenorizados sobre a prova, transcrevemos de seguida uma das partidas do encontro URSS.-RFA.

VAGANJAN - BORNGASSER

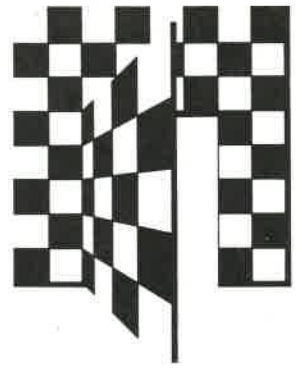
Holandesa

1. d4 f5 2. Cf3 Cf6 3. g3 g6 4. Bg2 Bg7 5. 0-0 0-0 6. c4. d6 7. d5 c6 8.

Cc3 cxd5 9. cxd5 a5 10. Be3 Cbd7 11. Bd4 Cc5 12. a4 Bd7 13. Bxc5 dxc5 14. Db3 Rh8 15. Tad1 Ce8 16. e4 fxe4 17. Cxe4 Dc7 18. Tc1 b6 19. Tfe1 Cd6 20. Ceg5 Bf6 21. Bh3 Cf5 22. Te4 h6 23. Ce6 Bxe6 24. Txe6 Cd4 25. Cxd4 Bxd4 26. Dd3 Bxb2 27. Tc4 Tf6 28. Te2 Bd4 (28... Ba1 29. Tc1 Be5 30. De5) 29. Dxd4 1:0

A CILADA NA ABERTURA

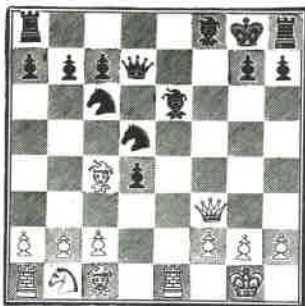
por TOMÉ DUARTE



Depois de expostos alguns exemplos sobre a *abertura italiana* e sobre o *Gambito Evans*, veremos desta vez algumas partidas em que as negras empregam a defesa dos dois cavalos. Na referida defesa, as negras jogam ao terceiro lance 3... Cf6, como alternativa ao lance 3... Bc5, que, como vimos, caracteriza a *Abertura Italiana*.

BLACKBURNE - TEICHMAN

1. e4 e5 2. Cf3 Cc6 3. Bc4 Cf6 4. Cg5 (a alternativa é jogar 4. d4) 4... d5 5. exd5 Cxd5? (é melhor jogar 5... ca5, se bem que sejam possíveis outras alternativas, tais como 5... Cd4 e 5... b5) 6. d4 (hoje em dia este lance está considerado como superior a 6. Cxf7, com o qual se inicia o chamado *ataque Fegatello*) exd4 7. 0-0 Be6 8. Te1 Dd7 9. Cxf7 Rxf7 (se 9... Dxf7, as brancas recuperam a peça imediatamente com 10. Bxd5 e com jogo bastante superior) 10. Df3+ Rg8.



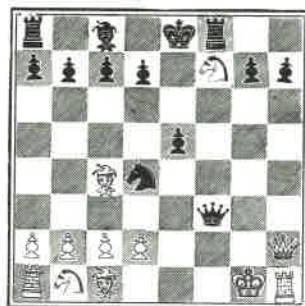
11. Txe6 Td8 (a torre não pode ser tomada por causa de 12. Bxd5) 12. Te4 (a linha recomendada pela moderna teoria é 12. Bg5 De6 — se 12... Be7 13. Txe7 com vantagem decisiva — 13. Bxd8 De1+ 14. Bf1 De6 15. Bh4 com vantagem das brancas) Ca5? (parece melhor 12... Be7, uma vez que se agora 13. Txe7 Ccxe7 14. Bg5 c6 e as negras conseguem aliviar a pressão) 13. Te8!! as pretas abandonam, pois perdem em todas as variantes. Se 13... Txe8 14. Bxe6 + Te6 15. Df5, ganhando; 13... Dxe8 14. Bxd5+ Txd5 15. Dxd5+ Df7 16. Dxa5, com uma peça a mais.

HIESCHE — FAHNENSCHMIDT

Alemanha, 1955

1. e4 e5 2. Cf3 Cc6 3. Bc4 Cf6 4. Cg5 Bc5 (a variante *Traxler*) da defesa dos dois cavalos é uma linha extremamente aguda, sendo necessário jogar com imenso cuidado, tanto dum lado como do outro, para não cair prematuramente numa posição perdida. Esta variante raramente se joga hoje em dia, pelo menos a nível de torneios magistrais, pois, segundo as últimas investigações teóricas, está considerada como dando vantagem às brancas.

Sinceramente não aconselhamos os principiantes nem os cardíacos a jogá-la, a menos que haja um profundo conhecimento dela). 5. Cxf7 Bxf2 + 6. Rxf2 (é melhor jogar 6. Rf1 De7 Cxh8 d5 8. exd5 Cd4 9. d6 cxd6 10. c3 Bg4 11. Da4 + Cd7 12. Cf7 Df6 13. Cxd6 + Dxd6 14. Rxf2 com igualdade) Cxe4 + 7. Rg1 (se 7. Re3 Dh4! 8. Df3 Cg5 9. Cxg5 Dxc5+ 10. Rd3 d5!! Bxd5 Bf5+ 12. Rc3 Cd4 13. d3. De7!, ganhando, pois as negras ameaçam a Dama e mate em b4, sendo impossível parar as duas ameaças ao mesmo tempo) Dh4 8. g3 Cxg3 9. hxg3 (este lance deixa as brancas em desvantagem; era necessário seguir com 9. Cxh8 para se conseguir chegar a uma posição equilibrada) Dxc3+ 10. Rf1 Tf8 11. Dh5 Cd4?! este lance é duvidoso. As pretas ficavam imediatamente em vantagem depois de 11... d5! 12. Bxd5 Cb4!) 12. Dh2? (O erro decisivo; depois de 12 Cc3 as brancas ainda tinham possibilidades de defesa. Agora as pretas rematam a partida numa forma bastante elegante) Df3+ 13. Rg1.



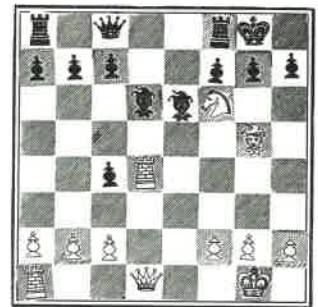
13... d5! 14. Dxe5 + Be6 15. Bxd5 Ce2 + 16. Rh2 Dh3 ++

CANAL — JOHNER

Trieste, 1923

1. e4 e5 2. Cf3 Cc6 3. Bc4 Cf6 4. d4 nos comentários da primeira partida já tínhamos referenciado este lance, que o recém-falecido Grande-Mestre soviético Keres considerava como melhor do que 4. Cg5) exd4 5. 00 Cxe4 (se as pretas jogam 5... Bc5 a partida toma o nome de *ataque Max-Lange*) 6. Te1 d5 7. Cc3 dxc4 (outra possibilidade é a recomendação de Dyckhoff: 7... dxc3 8. Bxd5 Be6 9. Bxe4 — não 9. Txe4 por causa de 9... ce7! e as negras ganham — Bb4 10. b3 c3 Dxd1 com possibilidades iguais) 8. Txe4 Be6? (melhor é 8... Be7, que conduz à igualdade, segundo a teoria, após 9. Cxd4 f5 10. Tf4 00 11. Cxc6 Dxd1 12. Cxd1 bxc6 13. Txc4 Bd6 14. Cc3 — se 14. Txc6? Bb7 15. Tc3 Tae8 16. Te3 14 com vantagem das pretas — c5 15. Bf4 Be6 16. Ta4 Bd7 17. Tc4 Be6) 9. Cxd4 Cxd4 10. Txd4 Dc8?! (as pretas deixam escapar a última oportunidade de poderem equilibrar a partida jogando 10... Bd6!?) 11. Bg5 Bd6 12. Ce4 00.

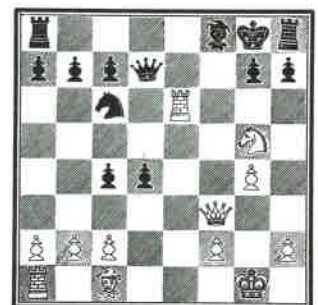
13. Cf6 + ! gxf6 (se 13... Rh8 14 conduz ao mate) 14. Bxf6 e as pretas abandonam, pois a entrada de dama em h5 é decisiva.



SAEMISCH — REIMANN

Bremen, 1927

1. e4 e5 2. Cf3 Cc6 3. Bc4 Cf6 4. d4 exd4 5. 00 Bc5 (como referimos na partida anterior, com este lance as pretas iniciam o *ataque Max-Lange*) 6. e5 (interessante é 6. c3 Cxe4 7. cxd4 d5! — se 7... Be7 8. d5 Cb8 9. Te1 Cd6 10. Bd3 00 12. Cc3, com vantagem das brancas — 8. dxc5 dxc4 9. Dxd8 Rxd8 10 Td1 + Reg 8 11. Te1) d5 7. exf6 dxc4 8. Te1 + Be6 9. Cg5 Dd5 10. Cc3 Df5 (se 10... dxc3, 11. Dxd5 ganha a Dama) 11. Cce4 (esta é a chamada posição crítica do *ataque Max-Lange*, dispoendo as pretas das seguintes respostas: 11... Bb6 11... 000, 11... Bd6?! e 11...) Bf8 12. Cxf7 Rxf7 (se 12... Bxf7, 13. Cd6 + ganha a Dama) 13. Cg5 + Rg8 (outra possibilidade é 13... Rg6 14. fxc7 15. Txe6 + Bf6 16. g4 Dd5, com jogo confuso) 14. g4! Dxf6? (era necessário jogar 14... Dg6; as negras com o seu último lance caem numa cilada. É de notar que se 14... Dxc4 15. Dxc4 Bxc4 16. f7 mate) 15. Txe6 Dd8 16. Df3 Dd7.



17. Te7!! Remate brilhante, que conduz imparablemente ao mate, quer depois de 7... Cxe7 ou 17... Bxe7, com mate em 17 ou, se Dxe7, 18. Dd5+ dá mate na jogada seguinte.

CURSOS DE ANIMADORES

por MANUEL SERRA

No artigo do n.º 3 desta Revista sobre este mesmo assunto foram focadas algumas implicações do retomar destes cursos a nível federativo. Tratarei de problemas ligados à sua programação neste escrito.

Dizia-se no citado artigo, a certa altura: «Por definição o animador será, antes de mais, o indivíduo com informação suficiente para orientar a actividade dos núcleos, organizando o trabalho interno, e promovendo diversas acções de ensino e dinamização»: Como se pode ver pelo programa que então vinha publicado, as matérias destinam-se a preparar o animador para as funções acima definidas.

Duas opções foram feitas ao programar estes cursos: dar ao animador, desde o primeiro grau da sua preparação, os principais elementos acerca de ensino, dinamização e animação interna do núcleo; não incluir nas matérias noções de estratégia do jogo que seriam dadas em futuros cursos de aperfeiçoamento técnico.

Esta orientação geral é possível, no entanto, de discussão e modificação. Sabemos da existência de projectos de cursos de animadores, a serem ministrados por outras entidades, em que estes se dividem em escalões (A, B e C), e em que se faz uma preparação incompleta do animador no que diz respeito às suas tarefas específicas paralelamente a um ensino relativamente desenvolvido da estratégia do jogo. Parece-me só se justificar uma preparação parcial do animador quando houver uma definição prévia de objectivos concertos. Eu explico-me: se for definido que, num dado momento, é necessário preparar um grande número de pessoas para o ensino do xadrez, podem organizar-se cursos em que tal objectivo é privile-

giado. Num âmbito diferente, poderão realisar-se, dentro em pouco, sessões que preparem pessoas capazes de organizarem nos núcleos de xadrez os torneios correspondentes à primeira fase do projectado torneio das comemorações do cinquenta-ário do xadrez federado.

Mas o mais completo Curso de Animadores terá de adaptar-se às necessidades dos seus participantes. Assim, no que diz respeito à organização de torneios, não se vai falar dos problemas que se põem pelo uso do relógio a animadores de núcleos que não tenham a possibilidade próxima de os ter. Não deverão, no entanto, deixar de abordar-se profundamente, desde o primeiro grau de preparação de qualquer animador, as formas mais simples de organização de torneios; o que é diferente de abordar de forma superficial todas essas formas.

O prelector terá de usar de flexibilidade. Antes de cada curso terá de saber das necessidades e nível técnico dos participantes para poder adaptar-lhes as matérias. Poderá, por exemplo, ser necessário ministrar conhecimentos de carácter técnico quando da exposição sobre a metodologia do ensino.

Mas se devemos fazer do estudo das regras do jogo, da metodologia do ensino do xadrez e da organização de torneios a base dos cursos de animadores, não devemos esquecer: a) uma ampla informação acerca das possibilidades do xadrez (por co:respondência, etc.); b) e da animação do núcleo; c) proporcionar uma discussão sobre o valor do xadrez e sua inserção sócio-cultural de modo a impedir deformações resultantes da sua supervalorização: acima do xadrez está o Homem.

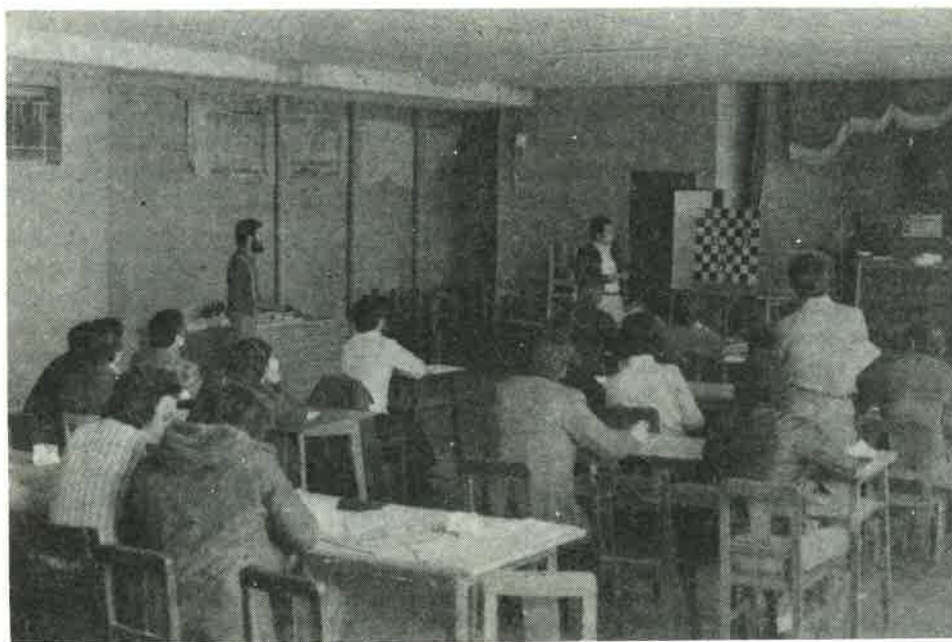


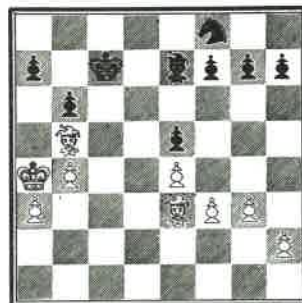
Imagem de um curso de animadores realizado em Almada

DOIS BISPO

A excepção de algumas posições (geralmente de carácter cerrado), de que já dei um exemplo no número anterior, nos finais, o par de bispos é superior a b.spo e cavalo. Quais devem ser as técnicas a empregar pelo bando em superioridade, e quais as possibilidades de defesa do adversário?

E claro que cada posição tem os seus segredos próprios, mas poderemos dar alguns exemplos dos planos ganhantes que mais vezes aparecem na prática. Um deles será transpôr para um final de bispo bom contra cavalo ou, se o único bispo da parte contrária é mau, para um de bispos da mesma cor. Em contrapartida, deve ter-se sempre em conta que um final de bispos de cor contrária tem grandes tendências para o empate, mesmo com um ou, por vezes, dois peões a mais.

Ainda mais simples do que passar a um final de bispos da mesma cor, costuma ser sujeitar, com o segundo bispo, o cavalo inimigo, e jogar uma posição desse tipo, mas sempre com a possibilidade de o bispo «de reserva» entrar repentinamente em acção. Podemos observar um procedimento desse género na partida T. DUARTE-A. ANTUNES, disputada este ano, em Lisboa.



37. Bc4

Cedendo lugar ao rei.

37... f6 38. Rb5 Cd7 39. Ra6 Rb8 40. Bg8 h6?!

Melhor na 40... Cf8 e só de seguida 41... s6. As brancas podiam agora aproveitar-se desta inversão de lances, jogando 49. Be6 Cf8 42. Bf5 Bd6 43. h4 g6 44. Bh3, com grande vantagem.

41. h4?!

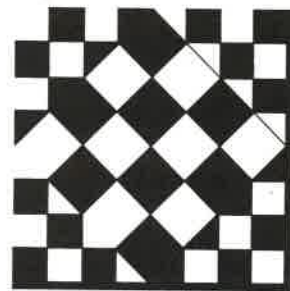
Preferindo seguir o plano original — fixar as debilidades do adversário, no falco de rei —, em vez de se aproveitar do deslize com a variante assinalada.

41... Bd6 42. h5 Be7?

Abandonando a praça forte sem o inimigo a ter conquistado... O melhor na 42... Cf8, e o plano para ganhar é muito más difícil: 43. Bd5 Ch7 44. f4! Cf8 (44... exf4 45. Bxf4 Bc7 46. Rb5 Cg5 47. Rc6) 45. Bd2 Be7 46. a4 Bd6 47. f5! (47. a5 bxa5 48 Rxa5 Cd7!). Por exemplo: 47... Be7 48. Bc6 Rc7 49. Be8 Rb8 50. a5 bxa5 51. Rxa5 (51. bxa5 Bc5) Ch7 52. Ra6 Cg5 53. Bc6 Cf3 54. Be3 Bxb4 55. Bxa7+ Rc7 6. Rb5 Be1 (56... Be7 57. Bb6+ Rc8 58 Rb5, para

S CONTRA BISPO E CAVALO

por ÁLVARO PEREIRA



seguir com 59. Rc4 e 60. Rd5) 57. Bb6+ Rc8 58. c5 Bxg3 59. Bf8 Bf4 60. Bxg7 Bg5 61. Rb5 Cg1 62. Rc4 Cd2+ 63. Rd5 Cf1 64. Re6 Cg3 65. Bxf6, e ganham.

43. Be6 Cf8 44. Bf5

Aí está! O cavalo é colocado **off-side**. 44... Bd6 45. Bd2

Preparando a arremetida vitoriosa do peão a.

45... Be7 46. a4 Bd6 47. a5 bxa5 48. bxa5 Bc5

Para impedir 49. Be3. As brancas podiam ganhar agora com 49. Be1, colocando as pretas em **zugzwang** (49... Bd4 50. Bb4, ou 49... Bd6 50 Bf2), mas preferiram outro plano.

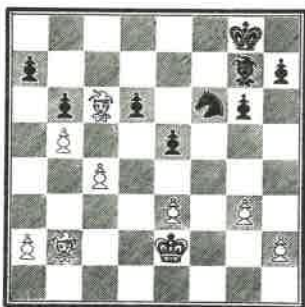
49 .Rb5 Be7 50. Be3 Rb7

De outro modo, seguir-se-ia 51. Ra6.

51. ab+ Rb8 52. Rc6 Ba3 53. Bd2! Be7 54. Ba5 Ba3 55. Bc7+ Ra8 56 Bc8 1:0

O mate é imparável.

Por vezes, é necessário abrir linhas, para os bispos poderem actuar com efectividade. No encontro SPIRIDONOV-R. HERNANDEZ (Shncev Brjag, 1974), as brancas especularam com a possibilidade de criarem um peão passado distante, conseguindo, assim, efectuar uma ruptura que permitiu aos seus bispos infiltrarem-se no campo adversário e ganharem material.



1. c5! dxc5

O ponto está em que é impossível 1... bxc5 2. a4, seguido de a5 e b6, contra o que não há defesa. Uma interessante mas inútil tentativa teria sido 1... Bf8 2. a4 Be7 3. Bc3! bxc5 (ou 3... Rf7 4. cxb6 axb6 5. a5! bxa5 6. b6 Bd8 7. Ba5!) 4. Ba5! Rf7 5. b6 cxb6 6. Bxb6 Re6 7. e4 (7. a5 Cd5!) Cd7 8. Bc7, e o peão a ganha.

2. Bxe5 Cg4 3. Bb8 Bc3 4. Bxa7 Ba5 5. h3 Ce5 6. Bb8 Cf7 7. Bd5 Rf8 8. g4 Re7 9. Bf4 g5 10. Bg3 Bc3 11. Bxf7

A passagem para o final de bispos da mesma cor, com um peão a mais, é a maneira mais simples de vencer. As negras podiam abandonar...

11... Rxf7 12. Rd3 Ba5 13. Be5! Be1 Forçado. Se, por exemplo, 13... Re6 14. Bc3 Bxc3 15. Rxc3 Re5 16. a4 Rd5 17. e4 + Re5 (17... Rxe4 18. a5!) 18. Rc3 h6 19. Rc4, etc.

14. e4! 1:0

Uma possível continuação seria 14... Re6 15. Bc7 Ba5 16. Bd8! h6 17. Bc7 Rf6 18. Rc4 Re6 19. a4, e as pretas estão

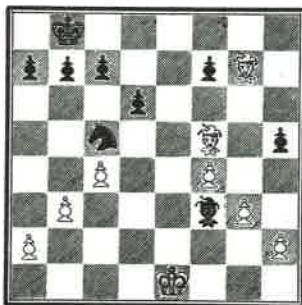
em **Zugzwang**: 19... Rf6 20. Rd5, ou 19... Rd7 20. Be5, ameaçando 21. Bc3 e 21. Bg7.

Muitas outras pequenas «receitas» podem ajudar o par de bispos a conseguir a vitória. Tentar citá-las todas daria uma obra do género das «Mil e uma maneiras de cozinhar bacalhau»... No entanto, aqui ficam algumas das mais importantes:

Infiltrar-se com o rei no campo contrário, mantendo o monarca adversário fora do caminho, através de xeques ou domínio de casas essenciais; atacar os peões inimigos, impelindo-os a avançarem, e tomando-os, desse modo mais facilmente vulneráveis (a velha história do «deixa-os pousar...»); utilizar a mesma estratégia para ganhar casas de infiltração para o rei; fustigar um flanco, obrigando o cavalo a ir à sua defesa, para, de seguida, aproveitar a lenta deslocação daquela figura para modificar rapidamente os objectivos de ataque; criar ameaças tácticas (redes de mate, por exemplo), para deteriorar o esqueleto de peões do adversário ou descombinar-lhe a acção das peças. Muitas vezes também são efectivas manobras do género das que vimos no artigo dedicado ao bispo *bom* contra («R.P.X.» n.º 3).

Ainda um último conselho, de menor valor científico, mas de grande importância prática no xadrez de competição: aproveitar a vantagem *psicológica* do par de bispos; a defesa é quase sempre mais difícil do que o ataque, e o nervosismo ou a falta de confiança costumam provocar pequenos (ou grandes...) deslizes, que podem auxiliar o ganho do ponto pelo adversário, ou mesmo «oferecê-lo», em posições que, correctamente defendidas, conduziriam ao empate.

Para terminar, um difícil e instrutivo final, em que TAJMANOV, de brancas, se impôs a SMISLOV, no Campeonato da U. R. S. S. de 1966/67.



29. Rf2 Bd1 30. h3 c6 31. g4 Ce6 32. gxh5! Bxh5

Perdia imediatamente 32... Cxg7 33. h6.

33. Bh6 Cd4 34. Bd3 Rc7 35. Re3 c5

Um debilitamento necessário. Não chega a assegurar uma boa casa para o cavalo, que rapidamente será expulso, mas era inferior 35. Ce6 36. f5 Cd8 (ou 36... Cc5) 37. Be2 Bxe2 38. Rxe2, e o peão h decide.

36. Bg7 Ce6 37. Bf6 Cf8!

Para responder a 38. f5 com 38... Ch7 39. Bh4 f6 40. Be2 Bf7 41. Bf3 b6 42. Rf4 (42. Bd5 Bxd5 43. cxd5 cg5! 44. Bxg5 fxc5 45. Rf3 b5) Rd7 43. Bd5 Bxd5 44. cxd5 Re7, e a posição é defensável.

38. h4 Rd7 39. Bf5+ Re8 40. Be4 Cd7 41. Bc3 b6 42. f5! Ce5 43. f6 Cg6 44. Be1! Cf8 5.Bg3 Rd7 46. Bf5+ Ce6

Necessário, pois se 46... Rc7 47. Rf4! Ce6 + 48. Bxe6 fxe6 49. Rg5. As brancas vão agora aproveitar a pregagem para penetrarem com o bispo de casas negras até e7!

47. Bh3 Bd1 48. Bf4 Bh5 49. Bh6 Bd1

As negras evitam 49... Re8 para poderem contestar 50. Bg2 com 50... Bc2 51. Be4 Bd1 52. Bf3 Bxf3! 53. Rxf3 Cd4 + 54. Re3 Re6! 55. Re4 Ce2! Se 49... Re8 50. Bg2 Cd4! 51. Be4! Bh5 52. Bf4 Rd7 53. Bd5 Ce6 54. Bh6 Bd1 55. Bf3.

50. Bf8! Bh5 51. Be7!

Está assim concluída a manobra que começou com o avanço do peão, e continuou com a pregagem do cavalo. O plano das brancas já é simples: ir com o rei ag3, jogar Bg4, para avançar o peão a h6, e, finalmente, disputar a diagonal b1-h7, em e4, ou romper no flanco de dama. Repare-se em que Be7 impede a passagem do rei negro por f8.

51... a5?! 52. Rf2 Bd1 53. Rg3 a4 54. bxa4 Bxa4 55. h5 Bc2 56. h6 Bg6 57. Bg4 Bh7 58. Rf2 Bb1 59. Re3 Bh7 60. Rd2 Bb1 61. Rc3 Be4 62. Rb3

O avanço escusado do peão a permite um novo plano de ganho muito mais simples: entrar com o rei sobre as debilidades da ala da dama.

62... d5! 63. cxd5 Bxd5+ 64. Rc3 Be4 65. Rc4 Re8 66. Bf3!

Confuso seria 66. Rb5?! Cd4 +! 67. Rxb6 c4

66... b5+! 67. Rc3

Se 67. Rxb5?? Cd4 + — Se agora 67... Bg6 68. Be2 Cd4 69. Bd3

67... Cg5 68. h7!! 1:0

Uma conclusão muito bonita. As negras não podem tomar nem de cavalo (perderiam o bispo) nem de bispo (mate em c6!).

Muito mais haveria a dizer sobre a luta entre bispo e cavalo e sobre o tipo de posições em que cada uma dessas peças vale mais que a outra. Mas acho que uma «injeção» de seis artigos é suficiente... pelo menos por agora! Talvez mais tarde o venha a retomar, associando-o com outras figuras, no final, ou alargando o tema ao meio-jogo e à abertura.

ROMANISHIN E TAL VENCE

Tendo como objectivo celebrar o sexagésimo aniversário da Revolução de Outubro, que, eclodindo em Leninegrado (na altura S. Petersburgo), em 1917, levou à instauração do primeiro regime socialista no mundo, realizou-se, recentemente, naquela cidade um dos mais fortes torneios de xadrez de sempre.

Dezoito concorrentes, das quais apenas o promissor A. Kochiev não tinha ainda o título de grande-mestre, que já conquistara, confirmado pela FIDE, disputaram, durante cerca de um mês, este magnífico torneio, com um espírito competitivo relativamente elevado, apesar de o número de empates ultrapassar os cinquenta por cento (mais exactamente, 55,5%). Das partidas com resultado «positivo», 37 foram ganhas pelas brancas e 31 pelas negras.

Depois de uma emocionante corrida para o primeiro posto, este acabou por ser ganho, ex-aequo, por Oleg Romanishin e Mikhail Tal, que totalizaram 11½ pontos de 17 possíveis, respectivamente com +8=7-2 e +7=9-1.

O. Romanishin, no seguimento de uma subida constante e praticamente sem quebras, afirmou assim, mais uma vez, ser um dos melhores jogadores do mundo, apesar dos seus jovens 25 anos. Pena é que não tenha participado no decorrente ciclo do campeonato mundial. Talvez causasse muitas surpresas!

M. Tal, cuja saúde precária recorde-se que lhe extrairam um rim já há mais de dez anos) parece ser o principal motivo das suas súbitas quebras de forma, confirmou estar de novo a atravessar um excelente momento. Inclusive, o seu estilo, apesar de muito mais sóbrio e «posicional» do que nos anos em que conquistou o campeonato do mundo, parece ter vindo a recuperar progressivamente a fertilidade de imaginação e engenho atacativo que, naquela época, o tornaram uma espécie de «terror da pradaria».

Apesar das suas duas derrotas, pode afirmar-se que Romanishin fez uma prova muito regular. Praticamente desde o princípio do torneio que se isolou, mantendo uma vantagem pontual que, sem nunca chegar a ser muito grande, era, de qualquer das formas, bastante confortável... sobretudo... psicologicamente.

Num estilo empreendedor e imaginativo, que, infelizmente, não é muito vulgar encontrar-se na nova geração de mestres e grandes-mestres soviéticos (e, em certa medida, incluo Karpov nesta apreciação), Romanishin produziu partidas bonitas e, sobretudo, combativas. A partida que selecionei está longe de ser a melhor que disputou neste torneio, mas parece-me um bom exemplo do elevado espírito de luta que transpirou de cada um dos seus jogos,

L. VOGT - O. ROMANISHIN

Defesa francesa

1. e4 e6 2. Cf3 d5 3. Cc3 Cf6 4. e5 Ce4!

Lance que não se conhecia nesta posição. A jogada rotineira é 4... Cfd7, que inverte, depois de 5. d4 c5, para uma posição normal da francesa e onde se manifesta a inferioridade do lance Cf3 em relação a d4, pois as brancas já não dispõem da jogada 6. f4, tida como a melhor: 1. e4 e6 2. d4 d5 3. Cc3 Cf6 4. e5 Cfd7 5. f4!

5. Ce2

Pretendendo aborrecer o cavalo com 6. d3.

5... Bc5 6. d4.

Evitando o mate!

6... Be7 7. Cg3 c5

Com a manobra anterior, as negras obrigaram ao avanço do peão branco que agora atacam.

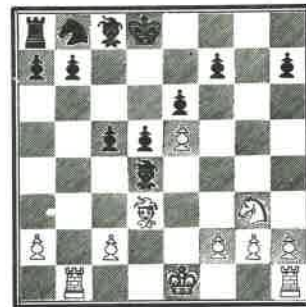
8. Bd? Cg5!?

Cedendo voluntariamente uma qualidade.

9. Cxg5 Bxg5 10. Dg4 Bxc1 11. Dxg7 Bxb2 12. Dxb8+ Rd7 13. Dxd8+ Rxd8 14. Tb1 Bxd4

Depois das complicações iniciadas no 8.º lance, é possível que Romanishin pen-

sasse que nesta posição tivesse nítidas compensações pela desvantagem material que tudo leva a crer ofereceu deliberadamente.



15. f4 h6 16. Ce2 Be3 17. h4 c4 18. Bh7 Cc6 19. g4.

A considerar seria 19. Th3, com a ideia de 20. Tg3, tentando explorar as debilidades do flanco de rei negro e o seu fraco desenvolvimento.

19... Re7 20. g5 Bb6 21. gxh6 Bd7 22. c3

Dando ar ao bispo...

22... Th8 23. Bc2 Txb6 24. Rd2 Bc8 Libertando o bispo de b6 da defesa do peão b7.

25. Tbf1 d4 26. Cxd4 Cxd4 27. cxd4 Bxd4 28. a4

Procurando copor-se à expansão negra no flanco de dama

28... Bd7 29. Be4 Bxa4 30. Bxb7 Bb2 31. Be4 c3+ 32. Re3 a5 33. Tf2 Bb3 34. Bc2 a4 35. Bxb3 axb3 36. Txb2 cxb2 37. Tb1 Txb4 38. Txb2 Rd7 39. Tf2 Rc6 40. Rd4 Rb5 41. Rc3 Th3+ 42. Rb2 Rc4 43. f5 Rd4 0:1

As brancas perdem outro peão e o jogo: 44. fxe6 fxe6 45. Te2 Te3 46. Td2+ Rxe5 47. Td8 Re4 48. Te8 e5 49. Td8 Td3 50. Te8 Rd4 51. Td8+ Re3 52. Te8 e4 etc.

É salutar que, entre grandes mestres actuais, ainda sucedam partidas como esta, que denotem uma combatividade notável.

(partida comentada por

A. PEREIRA SANTOS)



ROMANISHIN

M. Tal manteve, durante quase todo o torneio, um ponto de atraso em relação a Romanishin. Consecutivas vitórias nas quatro últimas rondas, porém, permitiram-lhe alcançá-lo, precisamente na derradeira jornada, em que derrotou Kuzmin, enquanto Romanishin anulava com Karpov. Vejamos a facilidade com que o ex-campeão do mundo destroçou o jovem grande-mestre cubano Guillermo García, logo na 3.ª sessão.